

Na fumaça de um sentimento

Victor Vinícius

Não havia motivo algum pra esconder o sentimento naquele momento. Era praticamente lutar contra o inevitável. Mas por burrice, ou simplesmente força de vontade, ambos se esconderam durante toda a festa.

Amanda não o amava de verdade. Era mais como uma brincadeira de gostar: gosto de você enquanto me convém. Já Saulo tentava esconder o que no fundo sentia. Era como brincar de cabo de guerra: o *não-te-amo* puxa de um lado e o *te-amo-demais* puxa do outro.

O sol já nascia no horizonte quando Amanda saiu de dentro da casa. Não era uma construção muito grande, mas tinha o tamanho suficiente para que todas aquelas pessoas pudessem ouvir o som contagiante da banda. Enquanto a menina dava suas passadas lentas pelo gramado dos fundos do lote, o som do lado de dentro indicava baixas notas de um jazz americano. Ela se sentou no gramado e começou a observar o sol. Que ser enigmático o Rei das Estrelas era.

Os olhos de Amanda começaram a arder, mas ela os mantinha fixo no brilho que vinha do céu. Teimosia era seu ponto forte, fácil de ser detectada. Seus cabelos iam até os ombros e era difícil separar o que era fumaça de cigarro e o que era cabelo propriamente dito. Ela usava os óculos que odiava, mas mal sabia que era o seu charme. Em uma de suas mãos ela carregava um cigarro e um isqueiro amarelo. Ela não lembrava de quem tinha pego aquilo. Não lembrava quantas doses já havia tomado. Não lembrava o que havia tomado.

Sentada ali no gramado ela só conseguia pensar em vida. Não só na sua vida, não só na vida de Saulo, mas na vida em si como algo muito maior. Talvez fosse o jazz que a estava contagiando ou somente o efeito do cigarro aquecendo seu frio coração. Só ficavam nitidamente visíveis os leves movimentos que ela fazia com as mãos no ar para dissipar a fumaça que saía de sua boca.

Aos poucos foi escorando suas costas na grama. O olhar perdido no céu acompanhava as nuvens cinzas e esparsas que aos poucos iam se aglomerando, realizando efeito inverso da fumaça oriunda do cigarro. Amanda queria se fundir com o chão. Queria enraizar, mas sem florir e dar frutos. Simplesmente ficar estática ali, sozinha, com o brilho do sol queimando sua lânguida face. Ao mesmo tempo ela queria correr, queria fugir da solidão que ameaçava afogar seu peito. Queria sumir no mundo, fazer parte dele sem pertencer a ninguém e a lugar algum. Ela queria ser e viver por si só. Dois lados de uma mesma moeda, mas ela nem tinha a chance de arremessá-la pra cima. Era somente colocar a vida na estrada deixando o vento soprar para onde lhe for cômodo.

Os passos de Saulo foram tão silenciosos que Amanda nem percebera. Ele veio sorrateiramente, como quem quer roubar algo sem ser notado. De fato, ele queria roubar algo: o coração de Amanda. Não era um grande amor, não era um grande sentimento. Era simplesmente um grande emaranhado de pequenas emoções que juntas formavam um imenso talvez: talvez a gente se mereça. Merecimento nesse caso não bastava para

deixá-los juntos. Era preciso amor. Um amor de verdade, algo que era quase inexistente em ambas as partes.

Saulo se sentou ao lado de Amanda e colocou a mão nos cabelos dela. Aos poucos, depois de muito tempo, ela foi elevando seus olhos castanho-escuros para observar o garoto. Fazia tempo que eles não se viam. Devia haver um motivo pra isso, mas era desconhecido para os dois. É como tentar entender porque a lua e o sol não aparecem o tempo todo simultaneamente. Há uma explicação lógica, porém ela é praticamente ignorada. Amanda fitou cada detalhe e imperfeição que Saulo possuía: os cabelos nem curtos nem longos, os olhos meio-termo, a pele mesclada, a barba rala crescendo, o sorriso torto, mas que ela julgava ser imensamente bonito.

- Não me olhe desse jeito. – disse Saulo.
- Não tenho outros olhos pra mudar o jeito de te olhar.
- Então não me olhe.
- Se você prefere assim. – ela disse voltando a observar o sol.
- Acho que vai chover.
- É óbvio que vai. Consigo observar bem as nuvens sem que elas me peçam pra mudar o jeito de olhá-las.
- Não faça tempestade em copo d’água.
- Tem algum cigarro? – o outro já havia acabado, e ela atirou o que restou pra longe dali.
- Acho que dei o último pro Flávio.
- Imprestável.
- Eu ou o Flávio?
- Os dois.
- Amanda...Eu não entendo.
- Nem eu.
- É tão confuso viver, né?
- Demais.
- Às vezes parece que a gente não é nada. – ele acaricia o rosto de Amanda, que se assusta com o toque da pele dele.
- O tempo é maior que tudo.
- É... O tempo não para.

Gotas de chuva começam a cair lentamente. Amanda ameaça se levantar, mas Saulo não deixa. É interessante que quanto menos a gente quer gostar e depender e querer estar perto de uma pessoa, mais isso acontece. Faz até mal às vezes, mais mal que o cigarro. A nicotina afeta o pulmão. A dor de amor afeta o coração, a alma, abala as estruturas, dói física e mentalmente, em todos os níveis, do mais fraco ao mais forte e em todas as pessoas, da mais fraca a mais forte.

Saulo e Amanda eram fracos. Talvez fortes. Ou estavam apenas no meio. Eles eram tão medianos em tudo. Uma coisa a mais, uma coisa a menos, não faria diferença. Ambos observaram a chuva cair aos poucos e vagorosamente, com mais preguiça do que Amanda pra acordar em dia de domingo. Eles se levantaram e então a chuva caiu pra valer. Eles poderiam correr e se proteger, mas o *medianismo* deles não permitiu isso. Acabaram ficando na chuva. Cada um observando um canto diferente do quintal gramado. No começo da chuva estavam em pé, no final estavam sentados no chão, um de costas para o outro.

- Eu odeio ser sozinha. – disse Amanda.
- Fica sozinha porque quer. – Saulo respondeu.
- Você não me merece, já te disse isso.
- E ainda assim você me quer por perto.
- Não quero! Você que gosta de se humilhar.
- Não seja por isso. – ele se levantou rapidamente e foi em direção à porta.
- Saulo! – Amanda gritou enquanto se levantava do chão molhado. – Volta aqui, seu idiota!
- Se eu voltar vai ser pra te roubar pra mim.
- Então faça isso. Pelo menos uma atitude de homem na sua vida toda. – ela gritava, tentando se fazer audível em meio ao barulho da chuva.
- Você é uma idiota mesmo, Amanda! – ele disse isso quando já estava com as mãos no pescoço da garota, vidrado nas lentes embaçadas dos óculos de Amanda, que ele gentilmente tirou de seu rosto antes de lhe beijar.

A chuva aumentou após o beijo. Era como se a natureza os aplaudisse. Eles se deitaram na grama outra vez, de barriga para cima. As mãos dadas sinalizavam a única conexão que eles tinham naquele instante. Algo momentâneo, assim como a chuva que estava cessando, mas que deixava marcas passageiras, como as gotas nas árvores, a água no gramado e as roupas e cabelos encharcados de Saulo e Amanda.

- Agora pode dizer que me ama. – sussurrou Saulo ao ouvido de Amanda.
- Não posso. – ela respondeu de forma mais audível.
- Mas eu te amo.
- Meus pêsames.
- Não gostou do beijo? – ele perguntou deixando de lado o sentimentalismo, que estava se transformando em insegurança.
- Claro que gostei.
- E o que te impede de dizer o que eu sei que se passa no seu coração?
- O medo. – Amanda respondeu, desviando o olhar das nuvens que davam espaço ao sol outra vez e deixando escorrer algumas lágrimas de maneira natural, sem dor.
- Medo de que?
- De que você seja como o cigarro em minha vida. Você tem que acender com fogo e quando ele acaba tem que arranjar outro, se não fica só na vontade.
- Essa é a pior metáfora que eu já ouvi.
- Se entendeu que é uma metáfora, entendeu o significado e se você entendeu, ela teve efeito. Foda-se se é boa ou ruim, o que importa é que atingiu seu objetivo.
- Porra, Amanda! Sua inconstância me mata. Durante o beijo tava feliz e agora me trata como um cachorro, bruta pra caralho. Parece querer estragar tudo.
- Você tá agindo como uma menininha apaixonada, mas merece ouvir que eu acho que te amo.
- Acha? Não é suficiente.
- Acostume-se com isso, meu bem. É o que tem pra hoje.
- Na verdade tem isso também. – e dizendo isso ele se aproximou de Amanda um pouco mais e lhe deu um beijo. Tentando selar o quase amor deles dois.
- Eu precisava tanto disso. – Amanda disse com os lábios próximos aos de Saulo.

A festa acabou às dez da manhã. Momento em que Amanda já estava cambaleando rumo à sua casa, que ficava a uns três quarteirões dali. Saulo ainda sugeriu uma carona, mas ela negou antes mesmo de ele terminar a pergunta, alegando estar sofrendo de necessidade súbita de pensamento. O que era verdade. Amanda precisava pensar nas coisas que aconteceram naqueles momentos finais da festa. O isqueiro amarelo em sua mão sofria com seus apertões. Era a forma dela de descarregar seu acúmulo de ideias sem machucar ninguém.

Ao chegar em casa, ela tomou um banho demorado e deitou em sua cama logo em seguida, apenas enrolada na toalha. Os pais e irmãos tinham ido a um retiro da igreja que ela negou participar, pois tinha “muitas coisas da escola para fazer”. Acabou pegando no sono quando ouviu seu celular, que havia ficado sobre a cômoda desde a noite passada, tocar pela primeira vez naquele dia. Era Saulo.

Quando acordou, seu primeiro pensamento foi o de se vestir, é claro. Estava frio e ela não queria pegar um resfriado, já bastava a ressaca. Pegou seu celular e deu uma olhada nas chamadas perdidas. Ao todo eram quinze: uma de sua melhor amiga, Beatriz, outra dos pais, e treze, número que ela gravou bem, treze chamadas de Saulo. Outra coisa que ela gravou bem foi a palavra “absurdo”. Ela discou rapidamente os oito números necessários para se fazer uma ligação e após o segundo toque, como se ele estivesse grudado ao celular, Saulo atendeu.

- Treze chamadas, Saulo! Treze! Um absurdo. – Amanda quase gritava pelo telefone.

- Eu precisava falar algo importante pra você. Antes que fosse tarde.

- Dizer que me ama? Já sei disso. Preferi dormir. Algo melhor a se fazer.

- A gente pode se ver? É importante o que tenho pra dizer.

- Desculpa pelo beijo. – Amanda disse subitamente.

- O que? – Saulo perguntou incrédulo.

- Desculpa pelo beijo, foi um erro.

- Era o que eu pensava... Digo o mesmo pra você.

E ambos desligaram o telefone. Ao mesmo tempo. Sem dor. Sem choro. Sem lágrimas. Era o destino dos dois seguir caminhos diferentes. O beijo foi errado. O sentimento era errado. Era tudo errado. Suas imperfeições não se tornavam perfeitas e o velho hábito de ser sempre pela metade era algo que impedia os dois de se completarem, pois as metades tinham encaixes diferentes. Eles simplesmente não foram feitos um para o outro. Melhor sozinho que sofrer por amor.

*Victor Vinícius
victorviniciusdc@gmail.com
Universidade Federal de Goiás*